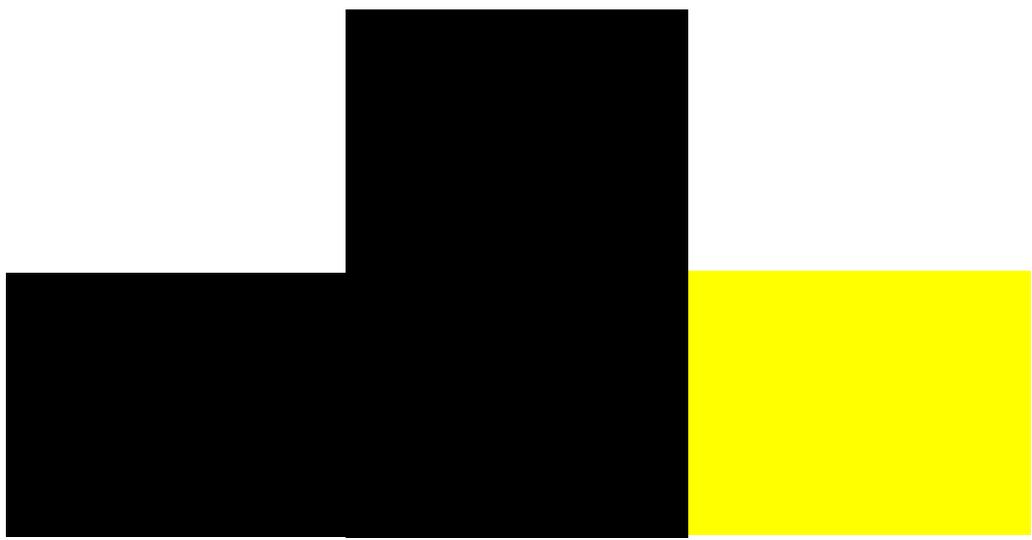


Duas controvérsias

Giuseppe Cocco
Barbara Szaniecki



Nosso ponto de partida são duas controvérsias. A primeira ocorreu em torno da exposição *Soulèvements*¹. A polêmica se desenvolve em torno da foto de Gilles Caron que ilustra o cartaz e a capa do catálogo da exposição organizada por Didi-Huberman². Um pequeno ensaio de Antonio Negri no mesmo catálogo nos conduz à segunda controvérsia, não mais sobre a hierarquia que deveria ser observada entre a revolta espontânea e a revolução *organizada*, mas entre poderes *constituídos* e poder *constituente*. Essas polêmicas nos remetem a enigmas do político: às derivas autoritárias de governos ditos "progressistas" tanto quanto aos novos paradoxos ligados às tentativas insurrecionais da nova extrema direita. Como mobilizar as energias radicalmente democráticas que nos faltam hoje diante da ascensão quase inexorável da nova direita?

Em 6 de janeiro de 2021 no Capitólio americano e em 8 de janeiro de 2023 em Brasília, trumpistas e bolsonaristas conduziram verdadeiras tentativas *insurrecionais* que foram contidas pelos poderes constituídos. Em contrapartida, entre os governos oriundos da onda dita "progressista" na América Latina, aqueles que conseguiram implementar novas constituições (como a Venezuela) mantêm-se no poder de forma autoritária pelo esmagamento dos mecanismos institucionais democráticos e do dissenso.

Estes são, portanto, os termos de uma *grande confusão*³ que é ao mesmo tempo o resultado enigmático da crise sempre mais profunda que atravessamos, mas também a fonte de seus efeitos mais nefastos, e cuja guerra é hoje o rosto obscuro. Essa *grande confusão* provém eventualmente da impureza (Giuseppe Cocco) ou da própria ambiguidade do "poder constituinte" (Matteo Polleri), de sua relação com a improvisação ao invés de um projeto com objetivos determinados (Frederico Lyra de Carvalho), da própria primazia do imaginário instituinte (Pierre Dardot) e de experimentações que

¹ *Soulèvements*, Paris, Gallimard/ Jeu de Paume, 2016.

² Gilles Caron, *Manifestations anticatholiques, Soulèvements*, éd. Georges Didi-Huberman, Paris, Gallimard/Jeu de Paume, 2016, p. 138. Ver também Gilles Caron, *Insurrections : Irlande du Nord 1969*, Texto de Pauline Vermare, Photosynthèse, Arles, 2019.

³ Philippe Corcuff. *La grande confusion. Comment l'extrême droite gagne la bataille des idées*. Paris: Textuel, 2021

podem levar a um "luto" no caso do Brasil de 2013 (Raluca Soreanu) ou, ao contrário, a um "despertar" às profundezas opacas de nossos imaginários (Millaray Lobos Garcia e Dario Quiroga) no caso do Chile de 2023. Essa grande confusão indica, portanto, que não faz sentido opor em bloco o poder constituído aos poderes constituintes e que ainda precisamos de um esforço de imaginação para ir além dessa oposição.

Não é, portanto, por acaso que o conflito entre Didi-Huberman e Traverso tenha começado a partir de uma fotografia, de sua legenda e de sua colocação em espaço e circulação. Se as imagens da história cultural da revolução (a barricada, a bandeira vermelha e o punho cerrado, entre outras) nos tranquilizam quanto aos seus significados e vias de ação, não deveríamos experimentar outras imagens, *mises en image* e em espaço para abrir outros imaginários? Diante das dificuldades de comunicação e do déficit de mobilização, não vale a pena correr o risco de outros arranjos ou formas de assembleias para enfrentar as catástrofes ambientais? Fazer imagens é também fazer a revolta (Leandro Rodrigues Lage), é levantar a terra e suspender o céu (Barbara Peccei Szaniecki), é suscitar uma *aisthesis das maneiras* de fazer e de falar, uma sensibilidade às sensibilidades (Yves Citton), é também reivindicar a compaixão (Zona Zoric) ou o *cuidado (care)* como ferramenta do olhar sobre "o que importa" (Sandra Laugier).

Ao cruzar essas duas polêmicas, poderemos melhor discernir os desafios do presente? Não pretendemos resolver esses impasses, mas ao mesmo tempo nos recusamos a nos ater à irresponsável ou mesmo impotente enumeração complacente dos sintomas de uma situação sem saída política. As experiências das duas últimas décadas colocam problemas e exigem muitas nuances. As questões desses debates, ou confrontos, são de diferentes naturezas: políticas, filosóficas, históricas, estéticas e muitas outras mais. Trata-se de relações complexas entre movimentos e governos, de ambiguidades entre os poderes constituintes e o poder constituído, bem como de experiências necessárias com todos os riscos de erros; trata-se das relações entre forma e conteúdo, das imagens dialéticas das manifestações ambivalentes cujos gestos e sentidos são discutíveis. Trata-se, sobretudo, da relação entre democracias limitadas e desejos inesgotáveis. Trata-se, enfim, das

libertações que virão: em 1995, em sua célebre Jefferson Lecture, o grande historiador da arte Vincent Scully lembrava os três grandes movimentos de libertação dos anos 1960 (*libertação negra, libertação feminina e libertação gay*) dizendo que todos eles nos libertaram de formas de pensamento estereotipadas que nos aprisionaram por séculos. Scully ressaltava, sobretudo, que mesmo que esses movimentos todos tivessem um longo passado na história americana, todos eram inconcebíveis pouco antes de explodirem juntos e nos transformarem a todos. O que é hoje esse inconcebível?